



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO - UFOP
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - ICHS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - DEEDU
GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA



ELAINE DE LOURDES MATEUS

Identificando o racismo na infância: uma análise de testes realizados com crianças e seus desdobramentos nos princípios e práticas escolares

MARIANA (MG)

2023

ELAINE DE LOURDES MATEUS

Identificando o racismo na infância: uma análise de testes realizados com crianças e seus desdobramentos nos princípios e práticas escolares

Trabalho de Conclusão de Curso sob o formato de artigo apresentado à disciplina de Monografia do Departamento de educação da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito para a obtenção do título de Pedagoga.

Orientadora: Profa. Dra. Cristina Carla Sacramento.

Professor da disciplina: Prof. Dr. José Rubens Lima Jardimino.

MARIANA (MG)

2023



FOLHA DE APROVAÇÃO

Elaine de Lourdes Mateus

Identificando o racismo na infância: uma análise de testes realizados com crianças e seus desdobramentos nos princípios e práticas escolares

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Pedagoga

Aprovada em 29 de julho de 2022

Membros da banca

Dra. Cristina Carla Sacramento - Orientadora - Universidade Federal de Ouro Preto
Dr. José Rubens Lima Jardimino - Universidade Federal de Ouro Preto

Dra. Cristina Carla Sacramento, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 15/02/2024



Documento assinado eletronicamente por **Cristina Carla Sacramento, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 15/02/2024, às 20:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0668367** e o código CRC **3B5FC2A3**.

RESUMO

O presente artigo analisa testes realizados com crianças negras e não negras no contexto escolar para identificação do racismo, quais os seus resultados e quais as implicações nos princípios e práticas escolares. A partir de um levantamento bibliográfico em bancos de dissertações, teses de doutorados e periódicos, publicados nos últimos 10 anos, foi realizada uma análise de conteúdo dos dados encontrados (Franco, 2005), em diálogo com autoras e autores que auxiliam na compreensão do racismo e seus efeitos, sobretudo na infância, como Abramowicz (2010), Corrêa (2017) e Santiago (2020). No exame dos textos foram encontradas diferentes intervenções e testes utilizados, embora todos os autores, em algum momento da pesquisa, tenham recorrido ao teste das bonecas, inicialmente realizado por Clark e Clark (1939) na década de 1940. Como resultado, verificou-se que desde muito pequenas as crianças já carregam consigo uma visão estereotipada em relação aos diferentes grupos raciais e reproduzem o racismo. Ao mesmo tempo, dentre os estudos analisados, foram encontrados apenas uma intervenção com vistas a mudar o contexto racista encontrado com o resultado dos testes. O estudo em questão reafirma que, já na infância, as crianças reproduzem o racismo enraizado na sociedade e deixa evidente a importância do trato sobre as questões étnico-raciais nas escolas.

Palavras-chave: Racismo; Crianças negras e não negras; Testes; Educação para as relações Étnico-raciais.

ABSTRACT

This article analyzes tests carried out with black and non-black children in the school context to identify racism, what their results are and what the implications are for school principles and practices. Based on a bibliographic survey of dissertations, doctoral theses and periodicals published in the last 10 years, a content analysis of the data found was carried out (Franco, 2005), in dialogue with authors who help in understanding racism and its effects, especially in childhood, such as Abramowicz (2010), Corrêa (2017) and Santiago (2020). When examining the texts, different interventions and tests were found, although all authors, at some point in the research, resorted to the doll test, initially carried out by Clark and Clark (1939) in the 1940s. As a result, it was found that from a very young age, children already carry with them a stereotypical view of different racial groups and reproduce racism. At the same time, among the studies analyzed, only one intervention was found with a view to changing the racist context found with the results of the tests. The study in question reaffirms that, already in childhood, children reproduce the racism rooted in society and makes clear the importance of dealing with ethnic-racial issues in schools.

Keywords: Racism; Black and non-black children; Tests; Education for ethnic-racial relation

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. QUAIS TESTES SÃO REALIZADOS PARA IDENTIFICAR O RACISMO ENTRE CRIANÇAS NEGRAS E NÃO NEGRAS?.....	10
2.1 Teste com bonecas.....	10
2.2. Literatura infantil, bonecas e identidade negra.....	12
3. RESULTADOS.....	13
3.1 Beleza e feiura: a permanência de padrões sociais, e o preconceito explícito presente nas escolhas e comportamentos das crianças.....	14
3.2 A autodeclaração como um desafio para as crianças: falta de pertencimento e insatisfação com suas características físicas.....	17
3.3 Implicações dos resultados dos testes na vida das crianças e nos princípios e práticas escolares.....	22
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
5. FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	27

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por objetivo analisar testes realizados com crianças negras e não negras no contexto escolar para identificação do racismo, quais os seus resultados e quais as implicações nos princípios e práticas escolares por meio de um levantamento bibliográfico em bancos de dissertações, teses de doutorados e periódicos, publicados nos últimos 10 anos.

Para tanto, parte-se da concepção de racismo apresentado por Gomes (2012), que o conceitua como comportamentos e ações de ódio ou aversão por uma pessoa com diferenças observáveis como tom da pele, tipo de cabelo, entre outros sinais. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018), no Brasil, 54% da população é negra, o equivalente a, aproximadamente, 115.515 milhões de pessoas, e embora os negros sejam a maioria da população, ainda assim são vítimas de preconceitos e desigualdades na sociedade, recorrentemente. Tendo em vista que as instituições escolares são espaços de formação do indivíduo, considera-se que o modo como as relações étnico-raciais são abordadas afeta diretamente o modo como as crianças vêm ao próximo e a si mesmas, na aceitação e respeito às diferenças. Desse modo, o presente texto busca também, dialogar com pesquisas já realizadas por outros autores e que tratam das formas pelas quais o racismo se manifesta no comportamento das crianças no espaço escolar.

Nesse sentido, pesquisadores como Cavalleiro (2012) e Santiago (2015), afirmam que, desde muito cedo, o racismo está presente na vida das crianças e, tal racismo se manifesta por meio da rejeição/negação da identidade negra. Cavalleiro realizou uma pesquisa na década de 1990, numa pré-escola em um bairro de classe média em São Paulo, com objetivo de investigar o preconceito racial na rede pública de ensino. As crianças tinham entre quatro e cinco anos de idade e, nessa faixa etária, as crianças negras já apresentavam uma identidade negativa em relação ao grupo étnico ao qual pertenciam. De forma análoga, notou-se que as crianças brancas revelavam um sentimento de superioridade, assumindo em diversas situações atitudes preconceituosas e discriminatórias, que na maioria das vezes já traziam de casa e eram reforçados na escola, dificultando a socialização, pois

devido às diferenças étnicas, acabavam por excluir crianças negras de diversas atividades do cotidiano escolar.

Santiago (2015, p. 455), ao explicar a existência do racismo, desde muito cedo, presente no comportamento das crianças, afirma que

antes mesmos de as crianças poderem se pronunciar a respeito do seu pertencimento étnico-racial, ou mesmo sobre sua cor de pele, já são enquadradas dentro de uma lógica colonial que as obriga a assumirem uma ancestralidade europeia branca, a qual renega qualquer traço de uma cultura negra, em prol de uma civilidade castradora.

A partir da fala de Santiago percebemos que o modo como a cultura europeia, trazida e enraizada na sociedade pelos colonos há muito tempo, afeta diretamente no modo como as crianças veem sua raça/cor. Desde muito cedo, a superioridade dos brancos sobre os negros lhes é ensinada na escola, por meio de uma história que traz protagonistas brancos que representam a realeza enquanto os negros representam sujeitos escravizados que foram trazidos apenas para servir os brancos, sem nenhuma outra função. Não é ensinado nas escolas sobre pessoas negras que realizaram grandes feitos, que foram verdadeiros heróis na história do nosso país. Essa omissão ou, até mesmo, a forma errônea com que a história é contada aos alunos faz com que desconheçam qualquer positividade em relação à cultura negra, negando totalmente qualquer traço relacionada a mesma.

Tal fator também foi identificado por Abramowicz e Oliveira (2010) que, após realizar um levantamento de pesquisas sobre as relações étnico-raciais na infância, apresentam a escola como uma instituição conservadora e excludente, com um currículo totalmente embranquecido e que não apresenta conteúdos que façam com que os alunos negros se sintam representados. Além disso, as autoras apresentam o silêncio pedagógico¹ em relação às questões raciais como outro fator segregador dos negros.

¹As autoras denominam “silêncio pedagógico” o silêncio da equipe pedagógica (professores, monitores, entre outros) a respeito das relações raciais, a omissão do trato dessas questões na escola, a indiferença dos mesmos perante situações de racismo.

Para mais, o currículo, em grande medida embranquecido, das escolas brasileiras exclui o aluno negro que, não é representado e incluído pelos ensinamentos, culturas e histórias que lhe são apresentados. Desse modo, os alunos brancos, totalmente familiarizados, tendo em vista que o currículo traz nele a sua cultura, se desenvolve mais rápido e tira nota melhores, enquanto os alunos negros, tendem a ficar cada vez mais atrasados e tirar notas menores, levando-os muitas das vezes, à evasão escolar. Além do currículo, diversos fatores implicam na exclusão do aluno negro como, por exemplo, o tratamento e silêncio pedagógico. Esses fatores são apresentados por Gomes (2002, p.41) ao afirmar que

a própria estrutura da escola brasileira, do modo como é pensada e realizada, exclui o aluno e a aluna negros e pobres. Essa exclusão concretiza-se de maneiras diversas: por meio da forma como alunos e alunas negros são tratados; pela ausência ou pela presença superficial da discussão da questão racial no interior da escola; pela não-existência dessa discussão nos cursos e centros de formação de professores/as; pela baixa expectativa dos professores/as em relação a esse aluno/a; pela desconsideração de que o tempo de trabalho já faz parte da vida do aluno/a negro/a e pobre; pela exigência de ritmos médios de aprendizagem, que elegem um padrão ideal de aluno a ser seguido por todos a partir de critérios ditados pela classe média branca, pelo mercado e pelo vestibular, sem considerar a produção individual do aluno e da aluna negra, assim como de alunos de outros segmentos étnicos/raciais.

Levando em consideração os elementos preditos, este trabalho considera o que determina a Lei 10.639/2003:

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

[...]

"Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'." (BRASIL, 2003)

A lei supracitada, fruto da luta do Movimento Negro, busca mobilizar o trabalho com questões raciais desde a infância, para que as crianças possam aprender que existem diferenças entre as pessoas e os direitos são iguais para todas elas. Ao mesmo tempo, ensinar a criança branca a não discriminar o negro e a respeitá-lo e ensinar a criança negra a ter orgulho de sua cor e a não se calar perante o preconceito.

Cavalleiro (1999) afirma que as instituições educacionais sistematizam e formalizam ensinamentos que as crianças trazem de casa, aprendidos por meio da interação com a família e irão continuar através da interação social, desse modo, além da família, a escola também se torna responsável pelo ensino da vida social. Tendo em vista o fato supracitado, é de suma importância analisar quando e como o preconceito e racismo se manifestam no ser humano, em qual idade as crianças começam a entender as questões étnico-raciais, para que seja possível buscar desenvolver intervenções a fim de combater o racismo na escola e na sociedade.

Para alcançar o objetivo deste trabalho foi utilizado, como metodologia, um levantamento bibliográfico em bancos de dados de dissertações, teses de doutorados e periódicos, publicados nos últimos 10 anos e a posterior análise de conteúdo², a fim de identificar e analisar quais os testes realizados com as crianças negras e não negras para identificação do racismo, quais os seus resultados e quais as implicações nos princípios e práticas escolares.

Nesse sentido, a pesquisa abordou os trabalhos de Kenneth Clark e Mamie Phipps (1939), Joanne Dias (2018), Lajara Corrêa (2017), entre outros, para a realização da análise em diálogo com as contribuições de Anete Abramowicz (2010), Cristina Sacramento (2013), Eliane Cavalleiro (1999; 2012), Flávio Santiago (2015; 2020), Nilma Lino Gomes (2002; 2012), dentre outros.

No que tange a organização, o artigo apresenta, num primeiro momento os autores e os testes por eles realizados, num segundo momento serão apresentados

² Entendida por Franco (2005, p.20) como “um procedimento de pesquisa que se situa em um delineamento mais amplo da teoria da comunicação e tem como ponto de partida a mensagem”, trata-se da sistematização, comparação e sondagem de documentos.

seus resultados organizados em três categorias de análise e, por fim, as considerações.

2. QUAIS TESTES SÃO REALIZADOS PARA IDENTIFICAR O RACISMO ENTRE CRIANÇAS NEGRAS E NÃO NEGRAS?

Quando se trata de testes para identificar o racismo com crianças negras e não negras é imprescindível citar a pesquisa pioneira neste assunto, o “teste da boneca”, realizado por Mamie Phipps Clark e Kenneth Clark, em 1939. O teste consistia em entregar bonecas negras e brancas para crianças entre 3 a 7 anos e, em seguida, fazer perguntas como: qual a boneca mais bonita ou mais legal? Com qual delas queriam brincar? Quais bonecas eram negras? Qual se parecia com eles?, entre outras. Vale ressaltar que, no contexto de realização da pesquisa, algumas bonecas precisaram ser pintadas, pois não haviam bonecas negras disponíveis.

Oitenta anos após a realização do teste das bonecas realizado por Clark e Clark (1939), o assunto ainda é tema de pesquisa, tendo em vista que ainda são recorrentes casos de preconceito racial na sociedade. Para abordar/investigar o assunto, estudiosos seguem realizando pesquisas utilizando testes/intervenções diferentes, que são analisados no presente artigo.

2.1 Teste com bonecas

O primeiro trabalho a ser apresentado é de Corrêa (2017), que analisou como as crianças pequenas se autodeclaram, como compreendem a identificação étnico-racial, quando começam a ter “noção” sobre o assunto e as impressões das mesmas sobre as questões étnico-. Para realização de sua pesquisa, a mesma contou com a participação de 58 crianças com idades entre três e seis anos e iniciou sua pesquisa fazendo uma coleta de dados por meio de entrevistas estruturadas em três etapas, sendo elas: a pesquisa piloto, realizada com a turma Tubarão em 2014, a entrevista II com a turma Flor em 2015 (antiga Turma Tubarão³) e a entrevista III, com a turma Brincadeiras, também realizada no ano de 2015.

³ A Turma Tubarão e a Turma Flor correspondem à mesma turma, porém em diferentes faixas etárias, a turma foi acompanhada pela pesquisadora por dois anos seguidos. Algumas crianças da Turma Tubarão se mudaram para o turno da tarde ou para o Ensino Fundamental no ano seguinte e não puderam participar da Entrevista II.

Na turma Tubarão participaram das entrevistas abertas e não estruturadas 20 crianças de três a cinco anos, cujo objetivo foi verificar com qual cor/ raça as crianças se identificavam. Inicialmente, a proposta foi realizar entrevistas individuais, mas considerando que todos queriam participar, optou-se por uma roda de conversa.

No ano seguinte, na turma Flor, participaram da entrevista 18 crianças de quatro a seis anos de idade. A pesquisadora buscou saber as cores que as crianças mais gostavam para saber se elas eram capazes de diferenciar cor de pele e a cor favorita. Em seguida, foi solicitado que elas realizassem a autodeclaração e a heteroidentificação de um perfil para os pais. Por fim, as crianças foram questionadas sobre as cores de pele por elas mencionadas.

Na turma Brincadeiras, 20 crianças com idades entre três e seis anos foram entrevistadas, etapa em que a entrevistadora buscou informações sobre suas idades, cor favorita, cor de sua pele, melhor amigo/a, irmãos/as, qual lugar que mais gostavam na instituição, comentários sobre a família e cor/ raça dos familiares.

Em uma segunda etapa, Correa (2017) realizou o teste com bonecas de pano e, para tanto, foram confeccionadas bonecas e bonecos de acordo com a percepção que as crianças tinham de sua cor/raça e a diversidade de características por elas elencadas. Nesse sentido, haviam bonecas/os pretas/os, marrons, beges e brancas/os com diversos tipos e cores de cabelo. Em seguida, a pesquisadora analisou se havia preferência ou rejeição pelas bonecas devido ao seu tom de pele ou alguma de suas características por meio de perguntas como: “Qual boneco/a é mais bonito/a? Qual mais feio/a? Qual se parece com você? Qual pode ser seu amigo/a? Qual não pode?”, entre outras questões. Em seguida, as crianças eram questionadas sobre sua escolha e, na maior parte do tempo, apenas respondiam: “Porque sim!”. Na terceira etapa, Corrêa (2016) utiliza bonecas de vinil brancas e pretas, aplicando os mesmos questionamentos utilizados com as bonecas de pano. Individualmente, as crianças foram questionadas sobre como se autodeclaravam, eram convidadas a realizar a heteroatribuição do perfil étnico-racial dos pais e eram consultadas sobre a cor que correspondia a categoria “cor de pele”, muito utilizada por eles.

2.2. Literatura infantil, bonecas e identidade negra

O trabalho de Santana et al. (2018), realizado entre abril e junho de 2017, tinha como objetivo analisar a forma com que as crianças vivenciam e agem em relação às situações de racismo e discriminação racial, além de compreender o que significa para as crianças pertencer a uma categoria racial e como lidam com as categorizações. A pesquisa ocorreu por meio de observação das crianças no espaço escolar, analisando suas interações e relações sociais, e teve como colaboradoras 35 crianças de uma escola de Ensino Fundamental localizada no município de Itapetinga-BA.

Com a finalidade de auxiliar na distinção e identificação de como as crianças se sentiam em relação ao seu pertencimento étnico-racial, Santana et al. (2018), realizaram uma contação de história no qual é utilizado o livro “O cabelo de Lelê”, de Valéria Belém (2007) para iniciar a intervenção. Com uma câmera fotográfica para registrar as reações das crianças, os pesquisadores as colocaram sentadas no chão em círculo e iniciaram mostrando apenas as imagens do livro. Em seguida, contaram a história e ao final, fizeram o seguinte questionamento, presente no livro, às crianças: “Lelê ama o que vê! E você?”.

Posteriormente, foi disponibilizado um espelho na sala de aula e cada criança foi convidada a observar a própria imagem nele refletida, sendo necessário colocar o espelho em outra sala e levar uma criança por vez, pois muitas delas estavam com vergonha. As crianças foram orientadas a se olharem com bastante atenção aos detalhes e, em seguida, elas eram questionadas sobre a cor da sua pele, seu cabelo e qual parte do corpo gostariam de mudar.

Como última intervenção pedagógica, realizaram o “teste das bonecas”, do qual participaram 20 crianças. Os autores levaram para a sala de aula dois bonecos e duas bonecas, solicitaram às crianças que escolhessem e pegassem a boneca com a qual gostariam de brincar; a que consideravam a mais bonita; a que parecia má e a que era de cor mais bonita. Cabe ressaltar que, desde o princípio, os meninos já demonstraram desagrado da situação, pois pensaram se tratar apenas de bonecas do sexo feminino, embora também houvessem bonecos, mas ao fim, todos participaram. Ao final, as crianças eram indagadas sobre suas escolhas.

Por fim, Camilo et al. (2020), reproduziram o experimento clássico de Clark e Clark, com o objetivo de analisar se as respostas explicitadas na década de 1939 ainda se faziam presentes nas condutas das crianças da Educação Infantil de Alagoa Grande, (PB, Brasil). Participaram do teste 99 crianças, sendo 52 do sexo masculino e 47 do sexo feminino, 40 de uma escola particular e 59 de escola pública, com idades entre 4 e 6 anos. Dessas, 48 eram brancas e 51 eram negras⁴.

Em sua proposta, os autores utilizaram 4 bonecas, sendo 2 negras e 2 brancas, de ambos os sexos, repetindo às crianças as questões propostas por Clark e Clark (1947)⁵, ao qual pedia-se que a criança entregasse ao entrevistador a boneca, segundo algumas características: a boneca boa, a que ele gosta de brincar, a má, a legal, a que parece uma criança branca, uma de cor, uma negra e a que se parece com ela. Acrescentou-se ao teste uma questão levantada por França e Monteiro (2011), ao qual se pergunta: “com qual boneca a criança faria atividades para nota?”. As perguntas foram realizadas em uma sala separada e o pesquisador anotava cada resposta, seguida da cor da pele da criança, a idade, série e o tipo de escola.

Embora os diferentes autores aqui mencionados tenham utilizado meios de intervenções diferentes para “testar” as crianças, em algum momento da abordagem, todos utilizaram o teste com bonecas. Os resultados encontrados pelos pesquisadores apresentam dados recorrentes, que serão apresentados no tópico a seguir.

3. RESULTADOS

Com vistas a apresentar os resultados destes testes, eles foram organizados tópicos, por meio de três categorias de análises: 1) Beleza e feiura: a permanência de padrões sociais e o preconceito explícito presente nas escolhas e comportamentos das crianças; 2) A autodeclaração como um desafio para as crianças: falta de pertencimento e insatisfação com suas características físicas raciais; 3) Implicações dos resultados dos testes na vida das crianças e nos

⁴ Os outros estudos abordados não apresentam tal informação.

⁵ Embora o experimento tenha sido realizado em 1939, os autores referem com data 1947.

princípios e práticas escolares. Essas categorias são fundamentais para compreender as questões que orientaram as análises realizadas, permitindo verificar permanências e rupturas no que diz respeito às relações étnico-raciais na infância e serão apresentadas a seguir.

3.1 Beleza e feiura: a permanência de padrões sociais, e o preconceito explícito presente nas escolhas e comportamentos das crianças

Segundo Souza (2005), é comum na cultura racista brasileira relacionar o branco ao que é bem e/ou bom e o negro ao que é mal e/ou ruim. Esta polaridade relacional tende a reforçar cada vez mais as representações sociais estigmatizantes e pejorativas no que tange a figura do negro, que recorrentemente é vítima de preconceito, violência e injustiças devido ao seu fenótipo.

Na pesquisa de Dias et al. (2018) percebe-se a reprodução de certos tipos de preconceito pelas crianças como, por exemplo, o olhar de satisfação e sentimento de superioridade dos alunos brancos ao se olharem no espelho. Os autores explicitam que as crianças negras já associam a imagem do negro ao que é negativo e trazem o desejo de mudança na cor de pele e cabelo para se encaixar no padrão de “normalidade” da sociedade. Os autores afirmam que as crianças tinham preferência em construir laços de amizade com bonecas de pele branca.

No teste com as bonecas, Phipps e Clark (1939), Correa (2017), Dias et al. (2018) e Camilo et al. (2020) encontraram como resultado uma preferência significativa das crianças pelos (as) bonecos (a) brancos (as), no que se refere à considerada mais legal, mais bonita, qual pode ser sua/seu amiga(o), entre outras perguntas positivas e, às perguntas sobre o mais feio, mais chato e outras perguntas negativas, os bonecos de pele negra eram escolhidos pela maioria e, muitas vezes, por todos. Cabe ressaltar que os bonecos negros eram mais rejeitados que as bonecas negras.

No teste em que foi replicado o estudo de Clark e Clark, por exemplo,

Enquanto no primeiro a maioria preferiu a boneca branca para brincar (67%), diziam que essa cor era a mais legal (60%), e que as bonecas negras pareciam más (50%); no segundo estudo os percentuais indicaram, que as crianças negras preferiram as bonecas brancas para brincar (86,3%), diziam que elas tinham uma cor legal (92,2%), e que bonecas negras pareciam más (78,4%). (CAMILO e et al. 2020, p.42)

Embora o estudo tenha sido realizado quase cem anos após o original, as respostas revalidam os achados de Clark e Clark (data) e a preferência pelas bonecas brancas aumentaram de forma significativa. Os autores esperavam que, com o passar dos anos, as questões de raça se tornassem mais evidentes e houvesse uma maior aceitação pela diversidade étnico-racial existente no Brasil e, com isso, diminuísse significativamente o racismo mas, os estudos sinalizam que ele permaneceu e tem se manifestado no comportamento das crianças negras e não-negras com frequências⁶.

Como já mencionado, desde o início da pesquisa, Dias et al. (2018) perceberam alguns traços de preconceito nas crianças. Ao realizar a primeira intervenção, a contação de histórias, os autores destacam que as imagens causaram espanto e risadas em muitas crianças e alguns comentários maldosos, como por exemplo, em relação ao cabelo de Lelê⁷, em que Malcom diz que “ela parece ter levado um choque”. Em resposta ao questionamento apresentado ao final da história, “Lelê ama o que vê e você?”, muitas crianças perguntam sobre o porquê dela não cortar o cabelo, que ela deveria doar para quem precisa, entre outras afirmativas entretanto, quando questionadas se o cabelo de Lelê fosse grande porém liso, se também deveriam cortar, responderam que não, porque cabelo liso é mais bonito e todo mundo gosta.

A partir dos fatos mencionados, percebemos uma reprodução do que vivenciamos diariamente na sociedade, com a imposição de uma beleza padrão onde bonito é o branco, de cabelo liso e olhos claros, e tudo aquilo que foge desse padrão é considerado feio. Desde muito pequenas as crianças já reproduzem esse preconceito, talvez não por concordarem mas porque, assim como ressalta Firmina,

⁶ Para ampliar o debate sobre racismo na infância, recomenda-se o dossiê "Infâncias, racismos e educação infantil", disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/issue/view/3553>.

⁷ Protagonista negra do Livro “O cabelo de Lelê”, utilizado na intervenção realizada por Dias et al (2018).

“todo mundo gosta de cabelo liso e é mais bonito”. Esse preconceito evidenciado pelas crianças se dá através da convivência com os pares, onde elas aprenderam que somente o cabelo liso é bonito e pode ser grande, somente a pele clara é bonita, que o cabelo que não é liso é ruim e deve ser alisado ou cortado. Na maioria das vezes elas apenas reproduzem o que aprendem.

Notamos também essa reprodução de preconceito e racismo pelas crianças ao analisar as escolhas no teste das bonecas onde as crianças sempre escolhem a boneca preta como feia, chata e má, justificando ser por sua cor. Quando escolhem a boneca branca como mais bonita e legal justificam sua escolha, indicando a cor branca e cabelo liso. A análise das respostas dadas pelas crianças, apresentadas pelos autores nos mostra o quão influenciadas pelo racismo as crianças estão, a ponto de não conseguirem justificar o fato de gostar mais ou menos de cada boneca a não ser pelo seus traços fenotípicos.

Esse comportamento preconceituoso por parte das crianças desde muito cedo, faz com que as crianças negras sejam excluídas na escolha para trabalhos em grupos ou até mesmo brincadeiras e, dessa forma, não se sintam pertencentes ao meio ao qual estão inseridas. Muitas vezes, rejeitam sua identidade racial ou não encontram condições para seu desenvolvimento e aprendizagem no ambiente escolar, como aponta Eliane Cavalleiro (2005). Segundo a autora,

a existência do racismo, do preconceito e da discriminação raciais na sociedade brasileira e, em especial, no cotidiano escolar acarretam aos indivíduos negros: auto-rejeição, desenvolvimento de baixa auto-estima com ausência de reconhecimento de capacidade pessoal; rejeição ao seu outro igual racialmente; timidez, pouca ou nenhuma participação em sala de aula; ausência de reconhecimento positivo de seu pertencimento racial; dificuldades no processo de aprendizagem; recusa em ir à escola e, conseqüentemente, evasão escolar. Para o aluno branco, ao contrário acarretam: a cristalização de um sentimento irreal de superioridade, proporcionando a criação de um círculo vicioso que reforça a discriminação racial no cotidiano escolar, bem como em outros espaços da esfera pública. (Cavalleiro,2005, p.12).

Tais respostas e considerações trazem à tona o quão necessário e urgente se faz o trabalho pedagógico comprometido com as questões étnico- raciais desde a Educação Infantil, a fim de fazer com que as crianças entendam e respeitem a diversidade étnico-racial. É preciso que o professor aborde e apresente às crianças os protagonistas negros que foram importantes para nossa história e seus feitos

para melhoria do país e do mundo, para que assim as crianças sejam capazes de associar o negro a questões positivas e, desse modo, seja possível desconstruir a imagem negativa do negro frequentemente reproduzida.

3.2 A autodeclaração como um desafio para as crianças: falta de pertencimento e insatisfação com suas características físicas

A autodeclaração, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), é uma afirmação de identidade onde as pessoas se declaram de uma determinada cor e/ou grupo racial tendo como referência as categorias utilizadas no censo demográfico: branco, pardo, preto e amarelo. Nos estudos aqui apresentados, quando questionadas sobre sua cor de pele, embora muitas crianças tenham respondido, utilizando termos como marrom, preto, branco, morena, amarela, entre outras, algumas crianças demonstraram dificuldades em determinar uma cor, aplicando cores como, rosa⁸, laranja, azul, mais ou menos branco, mais ou menos preto, pretinho, cinza, cor de pele, entre outras.

Clark e Clark (1939) perceberam que as crianças de três anos tinham mais dificuldades de estabelecer suas identidades quando comparadas às de sete anos, pois enquanto 87% das crianças de sete anos se autodeclararam negras, nas crianças de três anos foram apenas 36%. Essa afirmação nos coloca a pensar que quanto maior a criança, maior seu entendimento sobre as questões raciais e mais segurança sentirão em se autodeclarar. No entanto, esse entendimento não envolve somente a idade, envolve também o modo como essas questões são abordadas no meio em que as crianças estão inseridas, como os pais e familiares se autodeclararam e aceitam essa classificação racial, e do modo como se referem a população negra.

Pensar a autodeclaração dessas crianças implica pensar a construção de uma identidade negra que, segundo Gomes (2002 p.39) é

uma construção social, histórica e cultural repleta de densidade, de conflitos e de diálogos. Ela implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial

⁸ Corrêa (2017) aponta que muitas crianças disseram ser rosas influenciadas pela Peppa Pig, protagonista de uma série britânica de desenhos animados para crianças. No Brasil, é exibida desde 2011, no canal Discovery Kids (canal de televisão a cabo), e a partir de maio de 2015 na rede de televisão pública Cultura (canal aberto).

ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/ racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro. Um olhar que, quando confrontado com o do outro, volta-se sobre si mesmo, pois só o outro interpela a nossa própria identidade.

No estudo de Corrêa (2017), as crianças da Turma Flor se autodeclararam da seguinte forma: 28% brancas, 22% não souberam definir, 17% cor de pele, 11% marrons, 6% preta, 6% rosa claro, 5% cinza⁹ e 5% morenas. Nessa etapa a pesquisadora já havia percebido que as crianças sabiam diferenciar cor de pele e cor favorita e entendiam que ambas eram diferentes. Sobre o perfil étnico-racial dos pais, muitas crianças utilizaram termos com categorias intermediárias como: “mais ou menos preta”, “pretinha”, “cor de pele”, entre outros, para defini-los e algumas crianças não souberam responder mas, totalizaram 59% dos pais apontados como marrons, pretos, morenos e negros.

Se analisarmos a autodeclaração das crianças, comparadas a heteroatribuição dos pais é possível notar uma divergência nos dados, pois existem muitos pais negros e muitas crianças brancas. Tal divergência pode se dar por motivo da não aceitação das crianças em relação a seu pertencimento étnico-racial pois, tendo em vista que classificam os pais como pretos e negros, causando estranhamento que não façam o mesmo em relação a si mesmas. É possível pensar que elas sabem qual seu tom de pele, talvez sejam negras e somente não se aceitam como tal.

Corrêa (2017) também observou que muitas crianças não souberam responder as perguntas, e, embora muitas crianças usem categorias transitórias, como por exemplo, um pouquinho marrom e meio branquinho, grande parte já utiliza as categorias branca, preta e marrom. Ademais, apesar das variações nas respostas das crianças, a cor que teve predominância foi a branca, seguida pela marrom e a cor de pele. Cabe ressaltar que, quando questionadas sobre cor de pele, algumas crianças afirmaram que esta seria cor de rosa e se referiam ao tom de pele branco.

⁹ Tendo em vista que nessa etapa da pesquisa a autora já tinha ciência que as crianças sabiam diferenciar cor favorita de cor de pele, questionou-as sobre as cores por elas atribuídas. As mesmas responderam que “cor de pele”, “cinza”, “rosa claro” referem-se à pele branca.

Em resposta ao questionamento sobre a cor da pele, levantado na intervenção “Espelho, espelho meu”, Dias et al. (2018) afirmam que as crianças deram diferentes respostas, estando entre elas: marrom”, “cinza”, “cor de café”, “café com leite” e “cor de pele”. Os que se autodeclararam marrom, utilizaram desde lápis de cor a desenhos para se justificar, explicando que não gostam de utilizar preto pois lembra escuridão e que tem vergonha de falar negro porque ninguém gosta. Sobre a expressão “café com leite” a aluna explicou que o pai é moreno e a mãe branca, então ela saiu misturada, tipo café com leite, nem branca, nem preta.

O fato das crianças usarem “café com leite”, “mais ou menos preta”, entre outros termos para designar a cor negra, mostra o receio que as mesmas têm de se assumirem negras. Esse receio se origina do estereótipo existente na sociedade onde tudo que é ruim está associado às pessoas de cor negra e, desse modo, embora as crianças, muitas vezes, possam saber que são negras, buscam modos e terminologias para amenizar sua cor, na tentativa de fugir do preconceito existente na sociedade.

Nas pesquisas analisadas, os autores apresentam que, durante todo o processo de pesquisa, as crianças negras deixam bem claro sua inquietação, descontentamento e insatisfação com seu tom de pele e características fenotípicas. Dias et. al (2018) apresentam, por exemplo, o caso de Malcom, menino negro de 9 anos que afirma que era branco quando era bebê, e depois do sol ficou dessa cor, mostrando sua pele, não satisfeito com o tom de pele atual. Contam também o caso de Dandara, uma aluna negra¹⁰ que, ao ver o cabelo da protagonista do livro “O cabelo de Lelê”, começa a passar a mão sobre seus cabelos demonstrando um sentimento de angústia e inquietação.

Corrêa (2017), embora não apresente no texto uma visão geral sobre a cor das crianças participantes da pesquisa e não deixe explícito se a cor escolhida pelas crianças para definir sua cor de pele corresponde com a heteroidentificação delas, diz que, a não declaração de cor de algumas as crianças pode estar relacionada com as questões de pertencimento, de identidade e de reconhecimento, além do

¹⁰ Segundo o IBGE negro é quem se autodeclara preto ou pardo, pois população negra é o somatório de pretos e pardos. Para fins políticos, negra é a pessoa de ancestralidade africana, desde que assim se identifique.

mais, esse fator pode também expor a falta de entendimento das crianças sobre a temática.

No estudo de Dias et al (2018), quando questionadas sobre como eram seus cabelos, as meninas respondiam cacheado, meio cacheado, enrolado e duas meninas disseram liso. Entre os meninos, as respostas eram mais diversificadas como, por exemplo, um aluno respondeu “cacheado meio coisado” e quando crescia ficava “embananado” e por isso precisava alisá-lo. Em resposta sobre o que queriam mudar em suas características, a maioria das respostas se dava em relação ao tom de pele, uma vez que almejavam ter a pele branca; a cor dos olhos, pois queriam tê-los verdes ou azuis; e os cabelos, queriam um cabelo liso que “desse para jogar para o lado”, porque não gostavam de cabelo cacheado, entre outras justificativas. Já as crianças brancas se mostraram satisfeitas com suas características e, quando queriam mudar algo, seria o peso, as bochechas, estatura, etc.

Dias et al. (2018) identificaram que embora a cor negra seja associada a inferioridade, todas as crianças negras se autodeclararam como tal. Nesse sentido, apresentaram o caso de Tereza, aluna que sempre chamou atenção por conversar bem, apresentar desenvoltura na fala e ter o tom de pele mais escuro que os colegas, e demonstrou indisposição em participar da aula de educação física. Quando questionada sobre sua indisposição em participar da aula, a mesma colocou em questão as práticas discriminatórias sofridas, contou que sofre racismo desde os cinco anos e quando reclamava à professora, a mesma não fazia nada.

A menina contou que era chamada de “preta feia”, “negrinha do cabelo duro” e, descontente com a situação pediu para que a mãe alisasse seu cabelo, pois o mesmo era “cacheado bem cheio”, afirma ela. Mesmo assim, ela ainda apresenta descontentamento com o cabelo e diz que não gostava da aparência, que alisou o cabelo e agora ficou triste, pois gostaria que ele voltasse ao “normal”.

Em relação ao silenciamento da professora perante os episódios racistas sofridos pela aluna, Cavalleiro (1999, p.43) pondera que,

O silêncio permanente das professoras a respeito das diferenças étnicas no espaço escolar, somado ao silêncio das crianças negras sobre a ocorrência de conflitos, parece conferir às crianças brancas o direito de repetir seus

comportamentos, pois elas não são criticadas ou denunciadas, podendo utilizar essa estratégia como trunfo em qualquer situação de conflito.

A fala de Cavalleiro diz muito sobre o que vivenciamos nos dias atuais onde a criança negra é recorrentemente vítima de racismo, seja em situações conflituosas onde a criança branca se sente vulnerável e encontra saída no destrato do negro, chamando-o de “macaco”, “escravo”, entre outros apelidos pejorativos, e no dia-a-dia, quando o negro é alvo de falas, pensamentos e brincadeiras racistas. Perante situações como essa, o negro se vê sem apoio algum, sem poder fazer nada e nem ter a quem reclamar pois, de tanto ouvir esses xingamentos semalguém para defendê-lo, acaba por introjetá-lo, de certa forma, acreditar que são verdadeiros.

De acordo com os fatos mencionados acima, pode-se concluir que o preconceito e o racismo estão muito presentes na vida das crianças, o que faz com que, desde muito cedo, elas o reproduzam. Esse racismo presente na sociedade faz com que todas as crianças carreguem consigo uma associação do que é bom relacionado à pessoa de cor branca e, conseqüentemente, o que é mal e ruim associado a pessoa de cor negra. Essa afirmação pode ser comprovada por meio dos testes das bonecas citados anteriormente, onde as crianças associam as bonecas brancas a características boas e as negras a características ruins.

Esse estereótipo do negro como ruim e o branco como bom interfere também no pertencimento racial das crianças, de modo com que somente às crianças brancas tenham pertencimento racial positivo, uma vez que suas características estão dentro do padrão, desse modo, elas ficam, na maioria das vezes, satisfeitas com o que veem no espelho. As crianças negras, por outro lado, tendem a não aceitar suas características por não atenderem o padrão e, desse modo, não conseguem enxergar beleza em seus traços pois acreditam ser todos ruins, assim como a sociedade prega.

3.3 Implicações dos resultados dos testes na vida das crianças e nos princípios e práticas escolares

Pensando nos danos que o racismo e a falta do trato sobre as questões étnico-raciais podem causar na vida das crianças, este tópico apresenta quais as implicações destes testes e as propostas elaboradas por pesquisadores em conjunto com as professoras das crianças participantes, para mudar os contextos racistas por eles encontrados, através da pesquisa.

O racismo velado e banalizado na sociedade e na escola, pode ser observado pela posição inferior que os meios de comunicação, livros didáticos e brinquedos colocam os negros e fazem com que os mesmos rejeitem sua identidade, não se autodeclarando como tal. Ao pensar, especificamente, o contexto escolar, Sacramento (2013; 2018) ao realizar uma análise de livros didáticos de História do Brasil, percebe uma influência das teorias raciais no que tange às características do negro que, somadas a literatura se repetem como verdades, referindo-se ao negro como categoria a parte, um grupo diferenciado negativamente e apresentando-os sempre como escravizados, selvagens, ou algo do tipo.

Além disso, a escola atribui muito pouco valor à presença da criança negra e isso pode fazer com que ela se sinta participante de um grupo inferior e desfavorável enquanto a criança branca pode se reconhecer, equivocadamente, participante de um grupo racial superior (CAVALLEIRO, 1999, p.47). A autora aponta que

as experiências vividas na escola – marcada por humilhações contribuem para condicionar os negros ao fracasso, à submissão e ao medo. Nesse contexto, para a criança negra torna-se difícil a construção de uma identidade positiva. A rejeição demonstrada pelas professoras faz eclodir um sentimento que pode conduzir ao desenvolvimento de uma baixa autoestima e de um autoconceito negativo. Simultaneamente, a criança branca é levada a cristalizar um sentimento de superioridade, visto que, diariamente, recebe provas fartas dessa premissa. A escola, assim, atua na difusão do preconceito e da discriminação.

Tendo em vista os fatos supracitados, é de suma importância um comprometimento da escola no que tange a educação sobre as relações étnico-raciais para além do dia da consciência negra. É preciso inserir nos estudos de História todos os heróis negros presentes na história do Brasil, faz-se necessário retirar a imagem do negro apenas como minoria ou como seres inferiores e trazer

tudo que eles representam na história do país, para que assim, a criança negra possa sentir-se orgulhosa de sua origem e do que seus ancestrais representam.

Corrêa (2017, p.80) menciona que, após realizar o teste com as bonecas, foi sugerido pela professora da turma Brincadeiras que as crianças levassem as bonecas para casa, juntamente com um diário, para que as famílias pudessem registrar a estadia da boneca. A iniciativa surgiu com intuito de fortalecer a autoestima das crianças negras e para que todas as crianças pudessem conviver com as diferenças. O diário continha as seguintes perguntas:

- 1) Você conhece o trabalho desenvolvido na escola sobre africanidades?
- 2) O que a criança falou sobre o boneco(a)?
- 3) A criança gostou de brincar com o boneco(a)?

Três bonecas foram escolhidas pelas crianças para participar do projeto “Diário sobre as bonecas” e cada criança escolheria qual delas queria levar, quando chegasse a sua vez. A professora iniciou uma eleição para escolher um nome para as bonecas e todas as crianças queriam que seu nome fosse escolhido. Após votação, os nomes escolhidos foram:

- Para a boneca bege o nome escolhido foi Amanda, aluna que se autodeclarou marrom, mas explicitou que a boneca era linda e tinha sua aparência com os cabelos longos e macios.
- Para o boneco marrom, o nome Murilo, criança que se autodeclarou branca, mas explicou que o boneco era seu irmão gêmeo e, portanto, as crianças deveriam cuidar bem dele.
- Para a boneca marrom, de cabelo black power vermelho, o nome Laura, que se autodeclarou branca de cabelos claros, mas ficou muito feliz por seu nome ser escolhido para a boneca.

Corrêa (2017) relata que, ao final do projeto, notaram-se mudanças referentes à valorização da estética negra, as crianças negras começaram a usar penteados afros, a falar com orgulho da sua cor/raça e a se reconhecerem como

bonitos/lindos. Constatou também que, após nomear as bonecas, as crianças demonstraram maior aceitação pelas bonecas negras.

Diferente da pesquisa de Corrêa, os outros autores aqui mencionados não trazem nenhum tipo de intervenção após a pesquisa. Camilo et al. (2020) apresentam que o estudo comprovou os achados do casal Clarck, indicando um alto nível de preconceito entre as crianças e apontando ser imprescindível o trato com essa questão em sala de aula. Eles apontam a necessidade de debater o preconceito por meio de estratégias criativas para extinguir a imagem negativa do negro na sociedade e fazer com que as crianças conheçam as conquistas de nosso país que foram realizadas por pessoas negras. Outrossim, os estudiosos não apresentam nenhuma intervenção a ser aplicada, deixa o espaço aberto para que cada professor pense suas próprias alternativas.

Ao analisar os fatos supracitados percebe-se que todos os autores, sem exceção, encontraram evidências de preconceito racial nas ações e falas das crianças e, nessa perspectiva, medidas urgentes devem ser tomadas para mudar esse contexto racista. Embora a maioria deles não tenham realizado nenhum projeto com as crianças a partir dos resultados por eles encontrados com a realização dos testes, muitas intervenções podem ser trabalhadas em sala de aula a fim de combater o preconceito, como por exemplo: incluir exibição de filmes sobre representatividade, apresentação de livros com protagonistas negros, promover eventos sobre a temáticas e incluir toda comunidade, apresentar aos alunos as grandes personalidades negras, falar abertamente sobre o racismo, entre muitas outras. O combate ao racismo começa nas pequenas e mais simples iniciativas, mas, para isso, os educadores precisam, de fato, abraçar as diretrizes¹¹

¹¹ Práticas exitosas do CEERT: <https://www.ceert.org.br/>

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da análise dos textos supracitados, ficou evidente que, muitas crianças, sobretudo as bem pequenas, não conseguem se autodeclarar racialmente, pois o preconceito e o racismo já estão enraizados nelas desde muito cedo. Ainda muito pequenas, as crianças já carregam consigo a imagem do negro associado a tudo que é ruim e negativo e o branco relacionado a tudo que é bom, sendo possível afirmar que isso ocorre em razão do modo como as relações etno-raciais são tratadas na sociedade, na família e na escola ou até mesmo, devido ao silenciamento sobre tais questões. Essa visão equivocada sobre as questões étnico-raciais faz com que as crianças brancas carreguem consigo um sentimento de superioridade em relação ao negro pois, a maneira errônea com que a sociedade trata o branco faz com que ele acredite que é superior e faz com que o negro acredite fazer parte de um grupo inferior e indigno, causando uma falta de pertencimento por parte dos integrantes de tal grupo racial ou uma insatisfação em fazer parte do mesmo.

Ficou perceptível também, que as crianças apenas reproduzem o que aprendem e escutam no convívio social com os pares e a escola, ao silenciar sobre tais questões e aplicar um currículo que muitas vezes privilegia a cultura europeia, de certa forma, colabora com a reprodução do preconceito, racismo e das desigualdades na sociedade. Embora os trabalhos analisados não contemplem as relações professor/aluno, autores como, Cavalleiro (1999) e Santiago (2020), por exemplo, enfatizam que a conduta de alguns docentes reproduz racismo no ambiente escolar, por meio de comentários racistas, tratamentos diferenciados e do silenciamento perante a situações racistas cotidianas, mostrando o quão influente a escola é na construção do pensamento de superioridade de um determinado grupo.

Dessa forma, um dos principais modos de tentar desconstruir o pensamento estereotipado e racista nas crianças é por meio das práticas escolares. Fica claro a necessidade do trato sobre as questões raciais nos espaços escolares a fim de fazer com que as crianças conheçam os grandes protagonistas negros presentes em nossa história e os importantes feitos realizados por eles a fim de extinguir essa

imagem negativa do negro e fazer com que elas entendam que não existe uma raça superior a outra. Além do mais, é de suma importância maiores investimentos na educação de modo a fazer que se cumpra, de fato, o que determina a lei 10.639/2003¹² e promover uma educação antirracista que faça com que todos alunos se sintam representados, de maneira que ninguém seja excluído.

Por fim, reitera-se a urgência da abordagem das questões étnico- raciais, desde a infância, pois como afirma Nelson Mandela, "Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar¹³." A escola, por meio das intervenções corretas, pode proporcionar o respeito à diferença, pode trabalhar na perspectiva do combate ao racismo.

¹² "Posteriormente a lei 11645/2008 atualiza a 10639/2003, inserindo a história indígena.

¹³ Disponível em: Site *O Pensador* <https://www.pensador.com/frase/MzM1NjJw/>

5. FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOWICZ, Anete; OLIVEIRA, Fabiana de. *Infância, raça e paparicação*. Educação em Revista, Belo Horizonte, v.26, n.02, p.209-226, ago. 2010.

BRASIL. Lei 11.645, de 10 de março de 2008. **Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”**. Brasília, 2008.

CAMILO, N. D., Moura, B. G., Pimentel, C. E., Vera Noriega, J.A., & Cavalcanti, J. G. (2020). *Preconceito racial entre crianças da educação infantil: revisitando Clark & Clark (1947)*. Rev. CES Psico, 13(2), 32-45.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. *Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. *O processo de socialização na Educação Infantil: A construção do silêncio e da submissão*. Rev. Bras. Cresc. Desenv. Hum., São Paulo, 9(2), 1999.

CORRÊA, Lajara Janaina Lopes. *Um estudo sobre as relações etnicoraciais na perspectiva das crianças pequenas*. UFSCAR, São Paulo, 2017.

CLARK, Kenneth Bancroft; CLARK, Mamie Phipps. *Identificação racial e preferência em crianças negras*. Em H. Proshansky & B. Seidenberg (Eds.), Estudos Básicos em Psicologia Social (pp. 308–317). Nova York: Holt Rinehart and Winston.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. *Análise de Conteúdo*. - Brasília, 2ª edição: Liber Livro Editora, 2005.

DIAS, Joanne Oliveira; JÚNIOR, Adenilson Souza Cunha; PEREIRA, Reginaldo Santos; SANTANA, José Valdir Jesus de. *“Eu tenho vergonha em dizer que sou negra, ninguém gosta, né”? As crianças e as relações étnico-raciais em Itapetinga-BA*. São Cristóvão, Sergipe, Brasil, v. 12, n. 28, p. 323-346, jan./mar. 2019. Recebido em 03/09/2018 | Aceito em 25/11/2018.

GOMES, Nilma Lino. *Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações étnico raciais no Brasil: Uma breve discussão*. Ação educativa.org.br, 2012.
GOMES, Nilma Lino. *Educação e identidade negra*. UFMG, Aletria, 2002.

SACRAMENTO, Cristina Carla. *De 'Gente da África' a 'Nossos irmãos': quem são os negros nos livros didáticos de História do Brasil de Rocha Pombo e Viriato Corrêa*. São João Del-Rei, UFSJ, Brasil, 2013.

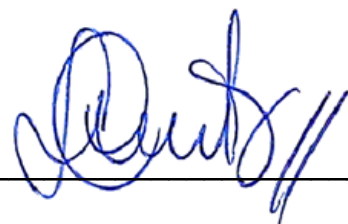
SACRAMENTO, Cristina Carla. *“Homens de cor” representados “homens de letras”*: uma análise de livros didáticos de História do Brasil do século XIX. 2018. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação,

Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1633937>. Acesso em: 10 jul. 2022.

SANTIAGO, Flávio. *Creche e racismo*. Revista Eletrônica de Educação, v. 9, n. 2, p. 441-460, 2015.

SANTIAGO, Flávio. *Ela Não é nenê, ela é preta*: Educação infantil e pensamento interseccional . Educação em revista, Belo horizonte, v.36, 2020.

SOUSA, F. M. N. . *Linguagens Escolares e Produção do Preconceito*. Educação anti racista: caminhos abertos pela Lei Federal 10.639/03, Brasília - DF, v. 1, p. 105-120, 2005.

A handwritten signature in blue ink, consisting of stylized, overlapping loops and lines, positioned above a horizontal line.

Assinatura do Orientador: